

Contribuições da Terapia Ocupacional na área da comunicação suplementar e/ou alternativa: análise de periódicos da Terapia Ocupacional

Mariana Gurian Manzini^a, Carolina Penteadó de Assis^a, Claudia Maria Simões Martinez^b

^aTerapeuta ocupacional, Aluna do Programa de Pós-graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, SP, Brasil

^bTerapeuta ocupacional, Docente do Programa de Pós-graduação em Educação Especial e do Programa de Pós-graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, SP, Brasil

Resumo: Como a comunicação suplementar e alternativa (CSA) é um recurso de tecnologia assistiva (TA) utilizado pelos terapeutas ocupacionais junto a pessoas com severos distúrbios na comunicação oral e escrita, procurou-se selecionar os trabalhos publicados sobre a temática no país, a fim de verificar a produção científica produzida na área de Terapia Ocupacional. Os locais para realizar a busca dos artigos foram os *Cadernos de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos*, a *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, *Revista Brasileira de Educação Especial*, *Revista de Educação Especial* e *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*. Utilizaram-se como palavras-chave tecnologia e inclusão escolar e, por meio de critérios específicos, selecionaram-se 16 artigos. Analisaram-se os dados com base nos procedimentos quantitativos por meio da ocorrência e qualitativos no que se refere ao conteúdo. Os dados revelam que o número de autores que investigam a temática ainda é baixo, mas ocorreu um aumento na publicação de artigos nos últimos anos. Ainda encontrou-se que a maioria das informações sobre CSA foi apenas citada de forma superficial nos diferentes artigos, sendo que poucas apresentaram o aprofundamento do assunto descrito. Considera-se que ainda existe a necessidade de se investir em estudos que tenham como foco a prática da CSA na Terapia Ocupacional.

Palavras-chave: *Métodos de Comunicação, Terapia Ocupacional, Tecnologia Assistiva.*

Contributions of Occupational Therapy in the field of additional and/or alternative communication: an analysis of Occupational Therapy journals

Abstract: As Augmentative and Alternative Communication (AAC) is a feature of Assistive Technology (AT) used by occupational therapists with people with severe disorders in oral and written communication, we tried to select papers on the subject in the country to verify the scientific production in the area of Occupational Therapy. The following sites were consulted to search for articles: the Journal of Occupational Therapy, Federal University of São Carlos; and the Journal of Occupational Therapy, University of Sao Paulo; Brazilian Journal of Special Education; The Journal of Special Education; and Journal of Human Growth and Development. We used 'technology' and 'school enrollment' as keywords and 16 articles were selected by specific criteria. We analyzed the data based on the quantitative procedures by means of the occurrence and quality with reference to content. The data reveal that the number of authors who have investigated the issue is still low, but the number of articles has grown in recent years. It was also observed that most information about AAC found in different articles was cited only in a superficial way, and few pieces were comprehensive in the matter described. It is considered that there is still a need to invest in studies that focus on the practice of AAC in Occupational Therapy.

Keywords: *Communication Methods, Occupational Therapy, Assistive Technology.*

1 Introdução

A comunicação é um recurso importante para o desenvolvimento infantil, pois por meio dela as crianças adquirem habilidades comunicativas e relacionam-se com outras pessoas. Segundo Lamônica (2004), a comunicação é um meio de interação entre os seres humanos necessário para a sobrevivência. Moreira e Fabri (2007) colocam que durante o desenvolvimento infantil o processo de organização das habilidades sociais leva a criança a ter de utilizar a comunicação não somente como resposta a necessidades básicas como fome ou sede, mas também ao desejo de expressar o sentir, o querer ou não querer. Portanto, abre efetivamente caminhos de interação com o mundo.

A partir da comunicação, Chun e Moreira (1998) e Pedral e Batos (2008) colocam que as pessoas se expressam socialmente de forma a entender, conhecer e mostrar suas necessidades e pensamentos. A comunicação define padrões de compreensão e expressão e assim criam-se redes de trocas entre interlocutores e ouvintes. Nessa perspectiva, a linguagem é construída na relação com o outro e a criança, a qual busca estabelecer significados que vão pouco a pouco constituindo sua própria linguagem.

Para Chun (2002), a língua é a parte social da linguagem exterior ao indivíduo, que não pode ser criada nem modificada, sendo um sistema de signos que exprimem idéias, por isso comparada à escrita. Para melhor compreensão, **a ausência de fala** não significa que não haja linguagem nem que a pessoa esteja fora da língua e do discurso. O sujeito pode **não falar**, isto é, estar impossibilitado de usar a fala articulada, porém está atravessado pela linguagem. Porque, segundo Deliberato e Manzini (2006), existem outras formas de comportamento comunicativo como gestos, a expressão facial e corporal e a escrita.

Crianças com severos distúrbios na comunicação oral e escrita necessitam de recursos alternativos para comunicação. Esses são caracterizados pelo uso de gestos, expressões faciais e corporais, símbolos gráficos (fotos, figuras, objetos, entre outros), voz digitalizada ou sintetizada, dentre outros métodos de efetuar a comunicação de indivíduos com distúrbios de linguagem oral e fala face a face (VON TETZCHNER, 1997; GLENNEN, 1997).

Pelosi (2011a) relata que um sistema de comunicação alternativa é um grupo integrado de componentes que inclui os símbolos (representações visuais, auditivas ou táteis de um conceito), os recursos (objetos ou equipamentos para transmitir

as mensagens), as estratégias (modo como os recursos são utilizados) e as técnicas (forma pela qual o usuário escolhe os símbolos no seu recurso de comunicação) utilizados pelo indivíduo para auxiliar no desenvolvimento do processo comunicativo.

No Brasil, a expressão *augmentative and alternative communication* (AAC) vem sendo traduzida como comunicação alternativa e ampliada (CAA), comunicação alternativa e aumentativa (CAA) e comunicação suplementar e/ou alternativa (CSA) (NUNES, 2003; BRASIL, 2007; PELOSI, 2007).

O termo suplementar significa que o indivíduo apresenta a fala porém ela não é suficiente para a ocorrência de uma comunicação eficaz, necessitando assim de equipamentos para a ampliação de suas trocas comunicativas. Em contrapartida, o termo alternativa remete a pessoa que não possui a fala oralizada, portanto necessita de uma forma alternativa de comunicação, seja uma prancha de comunicação, figuras, objetos concretos, dentre outros (MANZINI; DELIBERATO, 2007).

Marins e Emmel (2011) descrevem que o terapeuta ocupacional é um dos profissionais da área da saúde que tem legitimado profissionalmente a utilização da tecnologia assistiva (TA) para o desenvolvimento de seu trabalho. Segundo Pelosi (2007), a TA proporciona ao profissional maneiras de modificar o cenário de vida de pessoas com deficiência transformando sua realidade por meio de atividades funcionais que buscam a independência.

Para compreender por que a CSA é uma das especialidades da Terapia Ocupacional é necessário entender a ocupação como foco central do trabalho do terapeuta ocupacional. As atividades que o sujeito realiza são fundamentais na construção de sua identidade, assim a ocupação é o meio de reconhecimento social da pessoa. Qualquer alteração nesse desempenho ocupacional interfere no processo saúde-doença (AMERICAN..., 2009).

Comprometimentos na comunicação ocasionam dificuldades de a pessoa realizar várias áreas de seu desempenho ocupacional como educar-se, trabalhar, brincar e participar socialmente. A comunicação é compreendida como uma habilidade de *performance* processual. Como essa habilidade caracteriza o fazer do sujeito, no caso de comprometimentos na comunicação, dificuldades surgem na interação da pessoa com o ambiente, na sua troca de informação com outras pessoas e na sua relação com o meio. Portanto, causam problemas no desempenho ocupacional, dessa forma o papel do terapeuta ocupacional é reinserir o sujeito visando a ocupação em contextos de vida (AMERICAN..., 2009).

O trabalho do terapeuta ocupacional na comunicação alternativa pode ser realizado em diversos contextos como, segundo Pelosi (2007):

[...] nas escolas, como facilitador do processo de inclusão escolar, na clínica, como auxiliar no processo de habilitação ou reabilitação, nos hospitais, no trabalho com os pacientes com possibilidades temporárias ou permanentes de comunicação e em especial dentro das Unidades de Terapia Intensiva e no processo de reabilitação profissional [...] (p. 467).

Entre os considerados com incapacidade comunicativa há crianças com dificuldades motoras, deficiência mental, atraso no desenvolvimento da linguagem, autismo e outras deficiências de linguagem adquiridas ou deficiências no próprio desenvolvimento (PELOSI, 2007; SANTAROSA, 2007).

Para utilizar esses recursos, o terapeuta ocupacional deverá avaliar o usuário em várias áreas do desenvolvimento como aspectos motores, cognitivos, emocionais e sociais, a fim de selecionar o material mais propício para o usuário (PELOSI, 2005, 2009).

Observa-se então que o recurso de CSA é uma estratégia utilizada pelos terapeutas ocupacionais para aprimorar seu trabalho, pois ela viabiliza o processo de comunicação de pessoas com distúrbios severos na comunicação oral e escrita, fazendo com que a pessoa alcance um bom desempenho ocupacional nos diferentes contextos de que participa de forma satisfatória.

Portanto, observa-se que o papel da Terapia Ocupacional não se restringe apenas à implementação de recursos, esse profissional presta serviços em CSA de forma a: avaliar o sujeito considerando suas habilidades físicas, cognitivas, sensoriais e emocionais; traçar o perfil ocupacional do paciente; identificar as ocupações e as atividades necessárias para que a CSA desenvolva-se; identificar o parceiro de comunicação; selecionar o recurso mais adequado; capacitar os parceiros de comunicação; e acompanhar o desenvolvimento do processo com constantes reavaliações.

Diante do exposto é possível observar que caracterizar a atuação profissional dos terapeutas ocupacionais na CSA é fundamental. No entanto, não é considerada uma tarefa simples, pois Marins e Emmel (2011) discutiram que poucos são os trabalhos publicados por terapeutas ocupacionais relacionados à utilização de recursos de TA mostrando que é baixo o número de pesquisadores que se dedicam à temática no país. Portanto existe a necessidade de

se investir em pesquisas que tenham a TA e suas diferentes áreas como foco.

Considerando a CSA um recurso essencial para atuação do terapeuta ocupacional junto a pessoas com distúrbios severos na comunicação oral e escrita e, ainda, diante da necessidade de investir em novos estudos sobre TA, procurou-se traçar um panorama sobre os trabalhos de CSA publicados por terapeutas ocupacionais no país, a fim de verificar a produção científica nessa área.

2 Metodologia

Este estudo foi realizado por meio de um levantamento realizado na literatura já existente sobre comunicação suplementar e/ou alternativa em publicações do país. Para Noronha e Ferreira (2000), estudos de revisão bibliográfica fornecem um panorama a partir de um recorte sobre o realizado em um assunto específico num intervalo determinado de tempo. Nesse sentido, esta pesquisa pretende descrever os possíveis avanços nesta área do conhecimento, a fim de contribuir com a composição de um panorama sobre as publicações da Terapia Ocupacional nessa área.

3 Fontes da seleção do material bibliográfico

As publicações/bases de dados utilizadas para levantamento dos artigos foram cinco, dentre elas duas de Terapia Ocupacional, a *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo* e os *Cadernos de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos*. duas de Educação Especial, a *Revista Brasileira de Educação Especial* e a *Revista de Educação Especial*, e a *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*.

4 Seleção do material bibliográfico

Para a seleção do material bibliográfico foram analisados artigos do período de 2000 a 2011. As palavras-chave utilizadas nas bases de dados foram: tecnologia, considerando que a CSA é uma das categorias de TA; inclusão escolar, de forma a encontrar possíveis intervenções em CSA realizadas por terapeutas ocupacionais em escolas; e comunicação, visto que a CSA é uma estratégia utilizada pela TO para promover funcionalidade durante as habilidades comunicativas. Para buscar os artigos, as palavras-chave foram utilizadas

individualmente e todos os materiais bibliográficos encontrados foram lidos na íntegra. Outro critério de seleção utilizado foi que somente artigos escritos por terapeutas ocupacionais fizeram parte do material bibliográfico a ser analisado.

A partir dos termos, foram encontrados 201 artigos, porém apenas 16 foram selecionados para análise, devido aos critérios de seleção, sendo 5 dos *Cadernos de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos*, 7 da *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 1 da *Revista de Educação Especial*, 2 da *Revista Brasileira de Educação Especial* e da 1 *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*. Com o termo tecnologia foram excluídos aqueles que discutiam tecnologia da informação e TA sem citar especificamente a CSA. Já com o termo inclusão escolar foram retirados artigos que discutiam a prática da inclusão sem utilizar especificamente a CSA. Com o termo comunicação foram excluídos os artigos relacionados com as habilidades comunicativas e meios de comunicação de massa. E, ainda, foram excluídos os artigos cujos autores não tinham como área de formação específica a Terapia Ocupacional.

O Quadro 1 apresenta as referências dos artigos encontrados por meio das palavras-chave utilizadas na seleção bibliográfica realizada. Vale ressaltar que, dependendo do termo utilizado, cada artigo pode ser encontrado a partir de duas palavras-chave, portanto se repetirá.

5 Instrumentos utilizados

O instrumento para coleta de dados da pesquisa foi um protocolo construído especificamente para este estudo. Ele tinha como principal objetivo caracterizar o material bibliográfico selecionado. O instrumento foi construído na planilha do *software* Microsoft Office Excel 2007 for Windows, por meio de 4 colunas.

A primeira coluna foi referente à descrição dos títulos dos artigos encontrados por meio das palavras-chave utilizadas na busca dos artigos. Na segunda descreveu-se o ano de publicação desses artigos. Na terceira caracterizaram-se os autores responsáveis pelos artigos selecionados por meio de sua área de formação específica. E, por fim, trechos dos artigos sobre CSA foram descritos na íntegra na coluna 4, a fim de levantarem-se as categorias a serem analisadas.

6 Procedimento de coleta e análise de dados

A coleta de dados foi realizada no período de novembro de 2011 a maio de 2012. Primeiramente selecionou-se o material bibliográfico a partir dos parâmetros previamente estabelecidos. Após realizou-se a leitura sistemática do material e por fim aplicou-se o protocolo construído a fim de caracterizar e categorizar as informações sobre CSA publicadas nas referências selecionadas. Assim, aplicou-se o protocolo para cada artigo elencado a fim de caracterizar e categorizar o material bibliográfico selecionado no que se refere à CSA. Os dados foram analisados com base em procedimentos quantitativos por meio da ocorrência e qualitativos no que se refere ao conteúdo.

7 Resultados

7.1 Caracterização da frequência das publicações ao longo dos anos 2000 a 2011

O primeiro resultado descrito revelou a frequência de publicação dos periódicos relacionados ao tema de interesse desta pesquisa. A Tabela 1 apresentou a ocorrência de artigos de CSA publicados na *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, nos *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, na *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, na *Revista Brasileira de Educação Especial* e na *Revista de Educação Especial* por terapeutas ocupacionais no período de 2000 à 2011.

Através da Tabela 1 pode-se notar o número de artigos encontrado por periódico: 2 na *Revista Brasileira de Educação Especial*, 1 na *Revista de Educação Especial*, 1 na *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 5 nos *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar* e 7 na *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, totalizando 16 artigos. Nesse sentido é possível verificar a partir da investigação em cinco periódicos que o número de artigos que se dedicam à investigação da CSA elaborados por terapeutas ocupacionais ainda é considerado baixo. Tais dados corroboram com o estudo de Manzini (2011), que encontrou apenas três terapeutas ocupacionais como autores entre 52 teses e dissertações sobre CSA, e também com resultados da pesquisa de Marins e Emmel (2011), que revelaram que ainda é baixo o interesse dos pesquisadores de Terapia Ocupacional sobre a temática TA.

Quadro 1. Artigos selecionados por meio da busca realizada nas revistas de Terapia Ocupacional.

Palavras-chave utilizadas	Referências de Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar	Referências de Revista de Terapia Ocupacional da USP	Referência de Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano	Referências de Revista Brasileira de Educação Especial	Referências de Revista Especial de Educação Especial
Inclusão escolar	PAULA, A. F. M.; BALEOTTI, L. R. Inclusão escolar do aluno com deficiência física: Contribuições da Terapia Ocupacional. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, São Carlos, v. 19, n. 1, p. 53-69, 2011. ASSIS, C. P.; MARTINEZ, C. M. S. A inclusão escolar de alunos com sequelas de mielomeningocele. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, São Carlos, v. 19, n. 3, p. 307-322, 2011. http://dx.doi.org/10.4322/cto.2011.004 REPETIDO	GHEDINI, L. S. L.; MANCINI, M. C.; BRANDÃO, M. B. Participação de alunos com deficiência física no contexto da escola regular – Revisão de literatura. Revista de Terapia Ocupacional da USP, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 1-9, 2010. REPETIDO ROCHA, E. F. A Terapia Ocupacional e as ações na educação: aprofundando interfaces. Revista de Terapia Ocupacional da USP, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 122-127, 2007.	Nenhum	Nenhum	ASSIS, C. P.; MARTINEZ, C. M. S. A inclusão escolar e a utilização de tecnologia assistiva para alunos com sequelas de mielomeningocele: opinião dos professores. Revista de Educação Especial, Santa Maria, v. 24, n. 39, p. 93-112, 2011. REPETIDO
Tecnologia	PELOSI, M. B. O papel do terapeuta ocupacional na tecnologia assistiva. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, São Carlos, v. 13, n. 1, p. 39-63, 2005. REPETIDO MARINS, S. C. F.; EMMEL, M. L. G. Formação do terapeuta ocupacional: Acessibilidade e tecnologias. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, São Carlos, v. 19, n. 1, p. 37-52, 2011.	PELOSI, M. B.; NUNES, L. R. D. P. A ação conjunta dos profissionais da saúde e da educação na escola inclusiva. Revista de Terapia Ocupacional da USP, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 52-59, 2011. REPETIDO ROCHA, E. F.; SOUZA, C. C. B. X. Terapia Ocupacional em reabilitação na Atenção Primária à Saúde: Possibilidades e desafios. Revista de Terapia Ocupacional da USP, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 36-44, 2011.	PELOSI, M. B.; NUNES, L. R. O. P. Formação em serviço de profissionais da saúde na área de tecnologia assistiva: O papel do terapeuta ocupacional. Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 435-444, 2009b.	ALVES, A. C. J.; MATSUKURA, T. S. Percepção de alunos com paralisia cerebral sobre o uso de recursos de tecnologia assistiva na escola regular. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 17, n. 2, p. 287-304, 2011. http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382011000200008	ASSIS, C. P.; MARTINEZ, C. M. S. A inclusão escolar e a utilização de tecnologia assistiva para alunos com sequelas de mielomeningocele: opinião dos professores. Revista de Educação Especial, Santa Maria, v. 24, n. 39, p. 93-112, 2011. REPETIDO

Quadro 1. Continuação...

Palavras-chave utilizadas	Referências de Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar	Referências de Revista de Terapia Ocupacional da USP	Referência de Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano	Referências de Revista Brasileira de Educação Especial	Referências de Revista de Educação Especial	
Tecnologia	<p>ASSIS, C. P.; MARTINEZ, C. M. S. A inclusão escolar de alunos com sequelas de mielomeningocele. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, São Carlos, v. 19, n. 3, p. 307-322, 2011. http://dx.doi.org/10.4322/cto.2011.004. REPETIDO</p> <p>LIMA, F. C.; MARINO, A. E. E.; PALHARES, M. S. Iniciação ao uso do computador: Um relato de experiência com crianças com paralisia cerebral. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, São Carlos, v. 14, n. 1, p. 33-42, 2006.</p>	<p>ROCHA, E. F.; LUIZ, A.; ZULIAN, M. A. R. Reflexões sobre as possíveis contribuições da Terapia Ocupacional nos processos de inclusão escolar. Revista de Terapia Ocupacional da USP, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 72-78, 2003.</p> <p>ROCHA, E. F.; CASTIGLIONI, M. C. Reflexões sobre recursos tecnológicos: ajudas técnicas, tecnologia assistiva, tecnologia de assistência e tecnologia de apoio. Revista de Terapia Ocupacional da USP, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 97-104, 2005.</p> <p>FONSECA, J. O.; CORDANI, L. K.; OLIVEIRA, M. C. Aplicação do inventário de avaliação pediátrica de incapacidade (PEDI) com crianças portadoras de paralisia cerebral tetraparesia espástica. Revista de Terapia Ocupacional da USP, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 67-74, 2005.</p>	Nenhum	<p>PELOSI, M. B.; NUNES, L. R. O. P. Caracterização dos professores itinerantes, suas ações na área de tecnologia assistiva e seu papel como agentes de inclusão escolar. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 15, n. 1, p. 141-154, 2009a. http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382009000100010</p>	Nenhum	Nenhum
Comunicação	<p>PELOSI, M. B. O papel do terapeuta ocupacional na tecnologia assistiva. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, São Carlos, v. 13, n. 1, p. 39-63, 2005. REPETIDO</p>	<p>GHEDINI, L. S. L.; MANCINI, M. C.; BRANDÃO, M. B. Participação de alunos com deficiência física no contexto da escola regular – Revisão de literatura. Revista de Terapia Ocupacional da USP, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 1-9, 2010.</p> <p>PELOSI, M. B.; NUNES, L. R. D. P. A ação conjunta dos profissionais da saúde e da educação na escola inclusiva. Revista de Terapia Ocupacional da USP, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 52-59, 2011. REPETIDO</p>	Nenhum	Nenhum	Nenhum	

Tabela 1. Frequência de publicação dos artigos de CSA em diferentes periódicos por terapeutas ocupacionais durante os anos de 2000 a 2011.

Ano	Frequência de publicação por revista					Total
	Revista Brasileira de Educação Especial	Revista de Educação Especial	Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano	Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar	Revista de Terapia Ocupacional da USP	
2000	0	0	0	0	0	0
2001	0	0	0	0	0	0
2002	0	0	0	0	0	0
2003	0	0	0	0	1	1
2004	0	0	0	0	0	0
2005	0	0	0	1	2	3
2006	0	0	0	1	0	1
2007	0	0	0	0	1	1
2008	0	0	0	0	0	0
2009	1	0	1	0	0	2
2010	0	0	0	0	1	1
2011	1	1	0	3	2	7
Total	2	1	1	5	7	16

A Tabela 1 demonstra a quantidade de artigos publicados de 2000 a 2011: a partir dela percebeu-se que as publicações na temática investigada iniciam-se no ano de 2003, com um artigo. Eles voltam a aparecer no ano de 2005, no qual são publicados 3 artigos. Já em 2006 e 2007 nota-se uma diminuição nessa frequência, com um artigo. No ano de 2008 não foi encontrado nenhum artigo. Em 2009 encontraram-se 2, em 2010, novamente, publicou-se na base de dados pesquisada apenas um artigo. E, por fim, no ano de 2011 houve um aumento significativo, pois encontraram-se 7 artigos. Resultados do estudo de Manzini (2011) trazem dados semelhantes e revelam que houve um aumento significativo de publicações de dissertações e teses sobre CSA ao longo dos anos no século XXI.

Portanto, nota-se que investimentos foram realizados na área da TA no que se refere à garantia da utilização de recursos de CSA e desenvolvimento de estudos na área. Através dessa difusão de conhecimentos, capacitação de recursos, métodos e técnicas observou-se, a partir de 2011, um aumento significativo de citações da temática investigada nas publicações de terapeutas ocupacionais. Nota-se ainda que a preocupação com investimentos e incentivos na área é recente, o que contribuiu para o baixo número de publicações em Terapia Ocupacional encontradas nesse período.

Possíveis fatos que podem ter influenciado no aumento das publicações sobre a CSA nos últimos anos foram o incentivo da legislação brasileira para sua implementação e a criação de centros de referência na área. No ano de 2000 houve a Criação do Centro

de Terapia Ocupacional do Rio de Janeiro, referência na área de CSA que passou a contribuir, através de cursos de formação nas cidades de Salvador, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Londrina, São Paulo, Lins, Natal, Uberaba e Angra dos Reis, entre outras (PELOSI, 2007).

Em 2001 passou a vigorar o parecer CNE/CEB 17/2001, Brasil (2001), que teve como objetivo o desenvolvimento de estudos na área da comunicação, a fim de buscar melhores recursos para auxiliar e ampliar a capacidade de as pessoas com NEE (necessidades educacionais especiais) exercerem de maneira plena a cidadania. Em 2004, a partir do decreto 5296/04, surge o Comitê de Ajudas Técnicas (CAT), com objetivo de fazer com que todas as pessoas deficientes no Brasil tenham acesso às tecnologias de que precisam para maior autonomia e igualdade de oportunidades (BRASIL, 2004). Ainda, a XI Conferência Bienal da International Society for Augmentative And Alternative Communication – ISAAC, a primeira realizada na América Latina, reuniu pesquisadores, estudantes de graduação e de pós-graduação e teve como um dos objetivos difundir a temática da CSA no país (PELOSI, 2007).

Portanto, nota-se que investimentos foram realizados na área da TA no que se refere à garantia da implementação de recursos de CSA e do desenvolvimento de estudos na área. Através dessa difusão de conhecimento, capacitação e implementação de recursos, métodos e técnicas, observou-se, a partir de 2011, um aumento

significativo de terapeutas ocupacionais que citam a temática investigada em sua publicação.

7.2 A multidisciplinaridade na área da CSA: o papel do terapeuta ocupacional

Esses dados foram obtidos apenas por busca realizada nas revistas de Educação Especial e na *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, revistas que contemplam publicações multidisciplinares. E apesar de esse universo de artigos encontrados não integrar a lista de artigos selecionados, por não terem sido publicados apenas por terapeutas ocupacionais, procurou-se elaborar um panorama comparativo sobre as áreas de formação que têm investigado a temática CSA na área educacional. A partir da Figura 1 foi possível observar quais áreas têm investido em pesquisas sobre a CSA na área educacional.

A Figura 1 é representada no eixo y pelo número de publicações e no eixo X pelas áreas de publicação. Assim, foi possível observar que a área da CSA é considerada multidisciplinar, portanto observa-se que a área de formação mais encontrada nas publicações na área educacional foi Psicologia, totalizando 26 artigos sobre CSA; em seguida, observa-se a contribuição da Fonoaudiologia, com 20 publicações. Em terceiro lugar, a Terapia Ocupacional, com 6 publicações, em quarto, Pedagogia, com 5 artigos. Observa-se também contribuições de outras áreas, como Eletrônica, Técnica em Processamento de Dados e Letras, com 2 publicações, e Desenho Industrial, Engenharia Industrial Elétrica, Filosofia e Engenharia Elétrica, com 1 publicação.

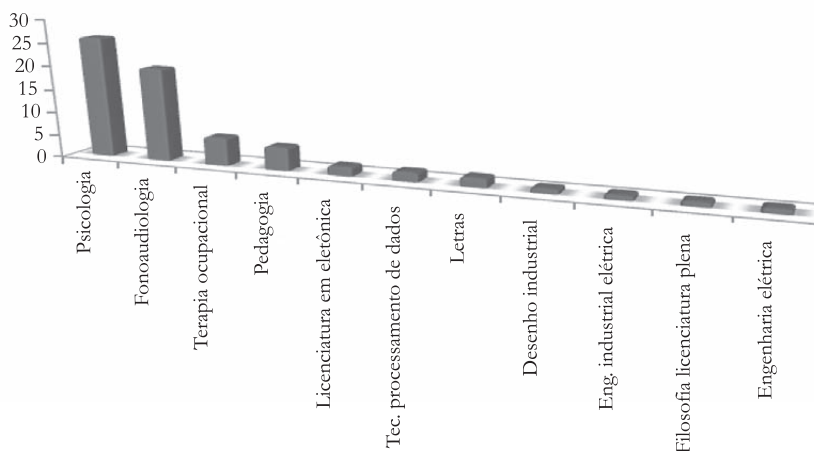


Figura 1. Caracterização da área de publicação dos autores nos artigos encontrados sobre CSA nas revistas de Educação Especial.

Ao investigar a produção de teses e dissertações na área de CSA, Manzini (2011) também encontrou contribuições de várias áreas formativas como Fonoaudiologia, Pedagogia, Psicologia, Informática, Terapia Ocupacional e Engenharia Elétrica. No entanto, quanto à frequência de publicação nas diferentes áreas houve diferenças, sendo que Fonoaudiologia foi a área mais frequente, com 22 publicações, seguida da Pedagogia, com 9 artigos, 7 artigos são da área da Psicologia, 4 da Informática, 3 da Terapia Ocupacional, 1 da Engenharia Elétrica e em 1 trabalho não foi possível identificar.

É importante observar que tanto no levantamento realizado pelos pesquisadores quanto no de Manzini (2011), a Terapia Ocupacional é uma área presente, no entanto com número pequeno de publicações diante da grande representatividade de áreas como Fonoaudiologia e Psicologia.

Alguns autores têm investido na definição de papéis de áreas multidisciplinares na CSA. Segundo Manzini (2011), as formações em Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia, Pedagogia e Psicologia se relacionam com o atendimento ao usuário na implementação de recursos de comunicação alternativa. Diferentemente de formações como Informática e Engenharia Elétrica, as quais poderão influenciar ou impactar na criação de recursos eletrônicos.

Franco, Garzon e Villa Maior (2007) descrevem os papéis dos profissionais de CSA na área da inclusão escolar e que a Fonoaudiologia é responsável pelo desenvolvimento da linguagem, organização do pensamento, adequação da motricidade oral e respiratória e confecção do caderno de CSA. A Terapia Ocupacional atua no trabalho clínico, na instrumentação, orientação, indicação e execução de

todo o material necessário para as características de cada pessoa. O fisioterapeuta realiza o posicionamento físico mais adequado do paciente e, por fim, pedagogos trabalham com o foco no letramento, na perspectiva de inclusão, com o objetivo voltado para o processo de ensino e aprendizagem. No entanto, vale ressaltar que publicações de fisioterapeutas em CSA são pouco frequentes, pois não foram encontradas nos levantamentos realizados pelos pesquisadores e nem nos de Manzini (2011).

Enfim, é importante destacar que alguns autores, como Manzini (2011), Franco, Garzon e Villa Maior (2007) e King (1999), reconhecem o papel do terapeuta ocupacional como profissional atuante

na área de CSA, no entanto, quando se observa o número de publicações, nota-se que outras áreas têm publicado sobre a temática com maior frequência.

7.3 Categorização das publicações encontradas em CSA

O Quadro 2 caracteriza qualitativamente o conteúdo encontrado dos artigos no que se refere à CSA como auxílio à inclusão escolar dos alunos com NEEs. Ele apresenta as citações encontradas nos artigos sobre a temática descrita.

A partir das citações presentes nos diferentes artigos percebe-se que a categoria CSA como

Quadro 2. CSA como auxílio à inclusão escolar de alunos com NEEs.

A CSA como auxílio à inclusão escolar: citações selecionadas nos artigos escolhidos
Segundo Harper e Mccluskey (2002) apud Ghedini, Mancini e Brandão (2010), crianças com limitações na fala tenderam a apresentar menor interação social com colegas do que crianças deficientes que apresentaram habilidades de linguagem superiores. Nesses casos, é importante que formas alternativas de comunicação sejam implementadas, como a comunicação alternativa, a qual trata-se de uma forma de desenvolvimento linguístico, com o objetivo final de que as crianças sejam capazes de se comunicar com seus pares e com os adultos sobre os mesmos assuntos e nas mesmas situações que as crianças com fala/linguagem verbal (TETZCHNER, 2005 apud GHEDINI; MANCINI; BRANDÃO, 2010).
Com o instrumento de comunicação, novas relações são possíveis, há a manifestação do potencial do paciente e há a possibilidade do fortalecimento das capacidades do professor como educador. A introdução da comunicação alternativa para o aluno com paralisia cerebral que, na escola, era considerado sem nenhuma possibilidade de aprendizagem trouxe novas relações possíveis, a manifestação do potencial dele e a possibilidade do fortalecimento das capacidades do professor como educador. Esse trabalho pressupõe uma participação ativa do professor para a sua implementação (ROCHA; LUIZ; ZULIAN, 2003).
Os alunos necessitavam de intervenções para facilitar sua inclusão. Os benefícios observados pelo uso dos recursos de tecnologia assistiva foram: o desenvolvimento de uma comunicação alternativa à fala; mudança de atitude do aluno, com maior envolvimento e participação nas tarefas; aumento da autoestima; melhor posicionamento na postura sentada dentro e fora da sala de aula; melhora na comunicação com a professora e maior proximidade com os colegas; maior participação nas aulas complementares, como Educação Física e Artes; possibilidade de escrita autônoma; melhora na relação com a família; independência nas atividades de vida diária e participação nas atividades de lazer. A professora itinerante considerou que o aluno teve excelente evolução na comunicação com a introdução da prancha e que ela contribuiu para aproximá-lo dos amigos e da própria professora (PELOSI; NUNES, 2011).
Camats (2003) apud Paula e Baleotti (2011) afirma que atividades como escrita, comunicação alternativa, jogos, pintura, digitação, entre outras, podem ser desempenhadas de maneira mais funcional por alunos com deficiência motora se promovidas posturas apropriadas o que, na maioria das vezes, torna indispensável o uso do mobiliário.
Entre outras intervenções, podemos citar: a adequação postural das crianças com deficiência física através de adaptações em cadeiras comuns ou de rodas para as atividades educativas; a introdução da comunicação alternativa ou suplementar (ROCHA, 2007).
Nessa área acreditamos que seja possível maximizar a evolução mensurada pelo teste com adoção de tecnologia assistiva principalmente no que se refere à utilização de sistemas suplementares e alternativos de comunicação que viabilizem maior participação dessas crianças no contexto social (FONSECA; CORDANI; OLIVEIRA, 2005).
Dentre as categorias de recursos de TA que podem ser utilizadas pelos alunos com necessidades educacionais especiais no contexto escolar existem: os dispositivos acessórios computacionais especiais, para viabilizar o acesso ao computador por alunos que tenham um comprometimento motor acentuado; recursos relacionados à mobilidade, para favorecer a locomoção; elementos sensoriais para alunos que apresentam problemas visuais ou auditivos e até mesmo alterações na fala, como recursos de comunicação alternativa (ASSIS; MARTINEZ, 2011).

Quadro 2. Continuação...

A CSA como auxílio à inclusão escolar: citações selecionadas nos artigos escolhidos
Em publicações distribuídas pelo MEC, o uso de recursos de comunicação alternativa, de materiais e atividades adaptadas, de recursos de adequação postural, computador e o planejamento arquitetônico são apontados como facilitadores do processo de aprendizagem do aluno com deficiência física e contribuintes do profissional de educação na busca de soluções para minimizar limitações funcionais, motoras e sensoriais do aluno com deficiência física. (GODÓI; GALASSO; MIOSSO, 2002; SILVA; CASTRO; BRANCO, 2006; SCHINEMER et al., 2007; BRASIL, 2002; MANZINI; DELIBERATO, 2006; BERSCH; PELOSI, 2007) (apud ALVES; MARTINEZ, 2011).
Alguns recursos, embora fossem utilizados pelas crianças, não foram citados por elas, como, por exemplo, a escriba feita pela mãe em sala de aula, o uso de tesoura adaptada e molde vazado, as tarefas adaptadas e a escriba feita pelos colegas e a prancha de comunicação (ALVES; MATSUKURA, 2011).
Vários recursos de TA podem ser utilizados pelos alunos com deficiência física no contexto escolar, dentre eles: dispositivos acessórios computacionais especiais para viabilizar o acesso ao computador; elementos sensoriais como recursos de comunicação alternativa para favorecer ou substituir a fala (LAUAND, 2005 apud ASSIS; MARTINEZ, 2011).
Dentre esses, os recursos de tecnologia assistiva utilizados pelas crianças na escola foram: lápis engrossado, tarefas adaptadas, cadeiras de rodas, mesa adaptada, tarefa xerocada, escriba, pulseira de chumbo, molde vazado, tesoura adaptada, letras móveis e tabuleiro e prancha de comunicação (BRASIL, 2007 apud ALVES; MARTINEZ, 2011).
Na prática, esses professores desempenhavam uma multiplicidade de atividades orientando ou auxiliando a professora de turma, adaptando o material escolar ou confeccionando recursos adaptados. Realizavam, ainda, acompanhamento individual do aluno fora da sala de aula, orientavam a família e utilizavam recursos de comunicação alternativa e ampliada como pranchas, máquinas elétricas e computadores (PELOSI; NUNES, 2009a).
Em relação ao uso da Tecnologia Assistiva como facilitadora do processo de inclusão escolar, a maior parte dos professores itinerantes (70%) declarou que considerava a Tecnologia Assistiva fundamental para o processo de inclusão. O restante do grupo (30%) disse desconhecer as possibilidades de uso da Tecnologia Assistiva. Alguns professores exemplificaram sua afirmação, sinalizando a importância de uma forma alternativa de comunicação para as crianças com comprometimentos graves e a importância da escrita alternativa no processo de alfabetização. Constatou-se, entretanto, que as pranchas consideradas como de recurso de comunicação, na verdade, configuravam-se como pranchas de auxílio ao trabalho escolar (PELOSI; NUNES, 2009a).
A Comunicação Alternativa e Ampliada mostrava-se nos estágios iniciais de implementação, sendo que a maior parte dos alunos utilizava recursos artesanais como alternativa para a escrita e possuía pranchas de apoio às atividades escolares, mas não possuíam pranchas para favorecer a sua comunicação social (PELOSI; NUNES, 2009a).
As atividades com o computador envolveram o uso do software Boardmaker para a criação de pranchas de comunicação e atividades desenvolvidas com o software <i>PowerPoint</i> para facilitar a Comunicação Alternativa e Ampliada e a alfabetização (PELOSI; NUNES, 2009b).

tecnologia de auxílio à inclusão escolar foi a mais frequente, apresentando 15 citações nos artigos selecionados. Observa-se que todas as falas encontradas nos diferentes estudos descrevem a importância da utilização da CSA como forma de favorecer a comunicação e participação de alunos com NEEs. Portanto, nota-se que a maioria dos textos selecionados tem como foco a temática CSA utilizada na inclusão escolar.

Ainda é possível verificar que o próprio Ministério da Educação tem publicado sobre a temática e incentivado a utilização da CSA na Educação Especial. Nesse sentido, os terapeutas ocupacionais também têm investido na formação dos profissionais

da escola para utilizarem a CSA como um recurso facilitador do processo de comunicação, utilizando-valendo-se dela também para o próprio processo de escolarização, como a alfabetização.

Observa-se que o advento da inclusão escolar desloca a atuação profissional do terapeuta ocupacional de uma perspectiva clínica e exige dele um novo papel, que é visar ações de auxílio aos professores e alunos com NEEs que contribuam com o processo de aprendizagem. Para Paula e Baleotti (2011), o terapeuta ocupacional que atua na Educação Especial não deve direcionar o olhar apenas para a deficiência e atuar com a visão puramente clínica, observando apenas a incapacidade. Os profissionais

devem superar velhas práticas pautadas em aspectos retrógrados e agir de forma a possibilitar ao sujeito o desenvolvimento individual atrelado a padrões sociais e educacionais. Ele analisará quais são as restrições presentes no contexto escolar que impedem a real participação desse sujeito e, dessa forma, intervirá para amenizar ou romper essas barreiras, promovendo a inserção desse aluno na escola.

Na interface saúde-escola, o terapeuta ocupacional tem sido um profissional com considerável atuação no contexto escolar. Segundo a Associação Americana de Terapia Ocupacional (2009), a área educacional é um dos domínios da profissão, assim é seu papel atuar nas atividades que permeiam o processo de aprendizado e participação de alunos com NEEs no ambiente escolar.

No contexto educacional, as ações do terapeuta ocupacional na escola, no que refere à CSA, aumentam as possibilidades comunicativas entre as crianças com distúrbios severos na comunicação oral

e escrita, facilita a interação dentro da sala de aula e no processo de ensino e aprendizagem. Os recursos alternativos de comunicação também favorecem a participação ativa dos usuários no contexto social e escolar (ROCHA, 2007; GHEDINI; MANCINI; BRANDÃO, 2010; PELOSI; NUNES, 2011).

O Quadro 3 representa a segunda categoria levantada por meio dos trechos descritos nos artigos, apresentando a CSA como categoria da TA; assim selecionaram-se 7 citações sobre a temática investigada

Por meio do Quadro 3 foi possível observar a necessidade de situar a CSA, nas descrições dos artigos, dentro da área da TA. Vários autores contribuem com essa discussão, como Deliberato e Manzini (2006) e Lauand (2005), que observam a importância de lembrar que essa área do conhecimento faz parte da TA, classificada junto a outras categorias, como órteses, próteses, dispositivos como acessórios computacionais, recursos relacionados à mobilidade para favorecer a locomoção, acessórios de adequação

Quadro 3. A CSA como categoria da TA.

A CSA como categoria de TA: citações selecionadas nos artigos escolhidos
Em se tratando da oferta de serviços, no Brasil encontramos comercializados recursos de alta qualidade no que diz respeito às órteses, próteses, cadeiras de rodas, acessórios de adequação postural, materiais, informática e <i>softwares</i> para pessoas com deficiência visual, comunicação alternativa e recursos de informática para pessoas com deficiências físicas ou sensoriais, entre outros (MARINS; EMMEL, 2011).
A TA engloba áreas de comunicação alternativa e ampliada (CAA), adaptações de acesso ao computador, equipamentos para auxílio de visão e audição, adaptação de postura sentada, dentre outros (KING, 1999 apud PELOSI, 2005).
Áreas de aplicação da TA: adaptações para atividades da vida diária; sistemas de comunicação alternativa; dispositivos para utilização de computadores; unidades de controle ambiental; adaptações estruturais em ambientes domésticos, profissionais ou públicos (ROCHA; CASTIGLIONI, 2005).
A TA envolve áreas como: a comunicação alternativa e ampliada; a acessibilidade de ambientes e as adaptações às atividades de vida diária, aos equipamentos de lazer e aos recursos pedagógicos (KING, 1999; BARNES; TURNER, 2001; BERSH; PELOSI, 2007) (apud PELOSI; NUNES, 2011).
Para a efetivação dessas ações, é necessário que o terapeuta ocupacional tenha uma formação acadêmica que abarque temas e procedimentos da saúde coletiva, como atividades educativas, preventivas e de articulação intersetorial, e que domine técnicas terapêuticas ocupacionais destinadas à população com deficiências e incapacidades, como manipulação corporal, adequação postural em cadeira, habilidades em transferências posturais, trabalhos corporais diversos, comunicação alternativa e/ou suplementar, domínio de fundamentos e modos operacionais de confecção de órteses e adaptações simples e de baixo custo, estimulação de bebês e crianças em risco ou com alterações no desenvolvimento, além do conhecimento de técnicas grupais, de trabalho com famílias e de manejo de situações de vulnerabilidade (ROCHA; SOUZA, 2011).
A tecnologia assistiva engloba as áreas: da mobilidade alternativa, como uso de cadeiras de rodas e andadores, da adequação postural, com o posicionamento adequado do aluno na carteira da escola, da comunicação alternativa e ampliada, do acesso ao computador e suas adaptações, da acessibilidade dos ambientes, da adaptação de atividades escolares, equipamentos de lazer e recreação e do transporte adaptado (KING, 1999; BARNES; TURNER, 2001; BERSH; PELOSI, 2007) (apud PELOSI; NUNES, 2009a).
O recém-criado curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, preocupado com a necessidade de formação de profissionais na área de tecnologia assistiva, apresenta em seu currículo uma disciplina obrigatória de Tecnologia Assistiva em Terapia Ocupacional, de 120 horas, e uma disciplina eletiva de Comunicação Alternativa em Terapia Ocupacional e Fonoaudiologia, com carga horária de 60 horas. Além das disciplinas, o curso conta com um laboratório de tecnologia assistiva e um laboratório específico para comunicação alternativa (PELOSI; NUNES, 2009b).

postural, *softwares*, unidades de controle ambiental e adaptações estruturais em ambientes domésticos. Pelosi e Nunes (2009a) contribuem com essa discussão descrevendo sobre a criação de uma disciplina na Terapia Ocupacional sobre TA na qual 60 horas são destinadas a CSA.

Marins e Emmel (2011) discutem que a prática de recursos de TA é legitimada como uma área de atuação do terapeuta ocupacional, que pode promover a utilização dos diferentes recursos nos contextos domiciliar e social, como na escola, no trabalho e no lazer. No entanto, o Comitê de Ajudas Técnicas nos lembra que a CSA é caracterizada pela interdisciplinaridade, na qual vários profissionais trabalharam em equipe com o objetivo de promover a funcionalidade relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (BRASIL, 2007).

O Quadro 4 ilustra as citações encontradas nos diferentes textos selecionados que se referem à caracterização dos recursos utilizados na CSA – 7 citações selecionadas para caracterizar o uso da CSA

As diferentes citações selecionadas nessa categoria apresentam os recursos utilizados por pessoas com distúrbios severos na comunicação. Pelosi (2007) descreve que para estabelecer a CSA é necessária a utilização de símbolos com representações visuais, auditivas ou táteis de um conceito a ser trabalhado. A mensagem será transmitida por meio de recursos que são objetos utilizados para transmiti-la. Nesse sentido, as citações caracterizam os recursos alternativos de comunicação utilizados como pranchas de comunicação, comunicador, avental de comunicação, teclados, kit de avaliadores de comunicadores artesanais e industrializados, sintetizador de voz e os *softwares* de comunicação alternativa. Ainda foi observada nas citações a utilização dos recursos de CSA na prática de interação com os pares em situações

Quadro 4. Caracterização dos recursos utilizados na CSA.

Caracterização dos recursos de CSA – citações selecionadas nos artigos escolhidos
A CAA é definida como uma maneira alternativa à comunicação oral e escrita que compreende desde o uso de gestos, sinais manuais, expressões faciais, pranchas com símbolos pictográficos, prancha de alfabeto, comunicadores de voz gravada ou sintetizada até sistemas sofisticados de computador (GLENNEN, 1997 apud PELOSI, 2005).
Wolff acredita que as dificuldades não serão superadas apenas aprimorando a tecnologia. Diz que há momentos em que a prancha não é necessária e conclui que não se substitui o que já funciona: a prancha será utilizada quando a comunicação não oral não for suficiente (WOLFF, 2001 apud ROCHA; CASTIGLIONI, 2005).
Os recursos alternativos para a comunicação oral compreenderam as pranchas de comunicação e um gravador utilizado como comunicador (PELOSI; NUNES, 2011).
A evolução tecnológica aproximou do terapeuta ocupacional o computador e suas possibilidades de acesso e os comunicadores. A atividade se transformou, mas a especificidade de atuação do TO não se modificou (PELOSI, 2005).
O trabalho da comunicação alternativa engloba uma série de símbolos, recursos, estratégias e técnicas para auxiliar o desenvolvimento de uma comunicação complementar. Recursos são os objetos utilizados para transmitir a mensagem, como as pranchas, coletes, aventais, colares, comunicadores e computador (GILL, 1997 apud PELOSI, 2005).
Wolff, ao pesquisar o contato com o outro através da comunicação alternativa, constatou que quando as crianças perceberam que o uso de prancha de comunicação alternativa gerava o efeito desejado, passavam a utilizá-la para ampliar sua linguagem. Porém, a autora pontua que há momentos em que a prancha não é necessária, em que não substitui o que já funciona, e ressalta que ela será utilizada quando a comunicação não oral não for suficiente (WOLFF, 2001 apud ALVES; MATSUKURA, 2011).
Von Tetzchner et al. (2005) apresentaram alguns estudos sobre as atitudes de pares falantes com as crianças com dificuldades de comunicação. Os autores mostraram que crianças usuárias de comunicação alternativa raramente utilizavam seus sistemas quando interagiam com seus pares. Na maioria das ocasiões, os pares falantes iniciavam os tópicos de conversação ou faziam as perguntas para os usuários dos sistemas de apoio responderem. Raramente são descritas estratégias em que se promove o uso de comunicação alternativa com o próprio colega no brincar e na conversação (VON TETZCHNER et al., 2005 apud ALVES; MATSUKURA, 2011).
Os recursos de tecnologia assistiva envolveram: brinquedos adaptados com acionadores; diversos símbolos que incluíram objetos concretos; miniaturas; fotografias; desenhos e pictogramas; diferentes tipos de pranchas de comunicação; um kit de avaliação; comunicadores artesanais e industrializados; e o computador (PELOSI; NUNES, 2009b).

de comunicação, na qual os recursos eram utilizados tanto de forma complementar como alternativa. Vale ressaltar que essa é uma das categorias nas quais descrições mais detalhadas sobre como introduzir os recursos de CSA são encontradas.

O Quadro 5 apresenta, a partir de trechos selecionados na literatura, as ações do terapeuta ocupacional na CSA. Foram encontradas 4 citações referentes a elas nos diferentes textos.

Os trechos selecionados discutem as ações do terapeuta ocupacional na prática da CSA. Rocha, Luiz e Zulian (2003) apresentam a CSA como uma das diferentes possibilidades de intervenção em Terapia Ocupacional. Já Fonseca, Cordan e Oliveira (2005) colocam a CSA como uma forma de maximizar a comunicação expressiva. Pelosi (2005) e Pelosi e Nunes (2009b) são mais específicas ao discutirem a temática apresentando o cuidado que o profissional deverá ter ao avaliar as áreas de desenvolvimento, a fim de promover a seleção do recurso para escolher a estratégia ideal e proporcionar uma comunicação efetiva por meio da utilização da CSA.

É necessário ressaltar que mesmo tendo como foco textos da área de Terapia Ocupacional, os dados revelam que poucas informações são transmitidas no sentido de caracterizar as ações do profissional na área da TA. Nota-se, ao longo da análise de

dados, que apenas dois dos autores investigados discutem a temática de forma específica, pois a maioria das informações são apenas citadas, sem o aprofundamento do assunto descrito. Isso evidencia a necessidade de investir-se em formação profissional sobre a temática. E, nesse sentido, para Pelosi (2011b) as universidades tem papel fundamental, contribuindo para aprimorar o conhecimento na área por meio de ensino, pesquisa e projetos de extensão e buscando a formação de profissionais especializados na área de CSA. Marins e Emmel (2011) revelam que discussões vêm sendo realizadas no cenário nacional e internacional sobre a urgência de aprofundarem-se os conhecimentos na temática.

O Quadro 6 descreve a última categoria discutida: a CSA no contexto clínico apresentou apenas 1 citação.

Na citação descrita observa-se aspecto importante no processo de implementação da CSA no contexto terapêutico, que é a necessidade de generalização do recurso utilizado nos diferentes contextos sociais. O autor, nesse caso, exemplifica muito bem a situação, pois, quando busca-se a utilização desse tipo específico de TA como uma forma de reinserção no contexto social, torna-se necessário intervenção extra contexto clínico. Para Mangia (1999), existe a necessidade de os profissionais relatarem e formalizarem suas

Quadro 5. Ações da Terapia Ocupacional na comunicação complementar e/ou alternativa.

Ações do terapeuta ocupacional - citações selecionadas nos artigos investigados
Na comunicação alternativa e aumentativa, o TO analisa os aspectos motores, cognitivos, sensoriais, emocionais e sociais envolvidos na utilização de um determinado símbolo, recurso, estratégia ou técnica, para determinar o sistema mais adequado para o usuário. O papel do TO é fundamental em cada um dos aspectos que compreendem o sistema de comunicação. No trabalho com a TA, a atividade pode ser o uso de prancha de comunicação, um atividade culinária com recursos adaptados, ou de escrita, facilitada por máquina elétrica ou letras emborrachadas, dentre outras. (PELOSI, 2005).
Nesse sentido, o uso de talheres, escova de dente, pente e vestuário adaptados podem favorecer o desempenho funcional. Da mesma forma, o uso de recursos de comunicação complementar e alternativa podem maximizar a comunicação expressiva (FONSECA; CORDAN; OLIVEIRA, 2005)
As diferentes possibilidades de intervenção da Terapia Ocupacional, tais como o uso de tecnologia assistiva, as possibilidades de ações na dinâmica de grupos, assim como a análise de atividades, a facilitação das atividades da vida diária e da vida prática, a introdução da comunicação alternativa, entre outras, são estratégias possíveis para esse diálogo (ROCHA; LUIZ; ZULIAN, 2003).
Para King (1999), o terapeuta ocupacional tem o papel central no acesso, implementação e integração dos aspectos motores e sensoriais, desenvolvendo o uso das mãos ou outra parte do corpo no controle do recurso da tecnologia assistiva. Além disso, o terapeuta ocupacional também avalia e realiza a adequação postural nas diferentes atividades do dia a dia (KING, 1999 apud PELOSI; NUNES, 2009b).

Quadro 6. Comunicação complementar e/ou alternativa no contexto clínico.

CSA e sua utilização no contexto clínico: citação selecionada nos artigos escolhidos
Wolf (2001) apud Rocha e Castiglioni (2005) menciona que muitos autores afirmam que o uso da comunicação alternativa deixa uma lacuna – treinam-se as crianças para utilizar os símbolos decorando-os mas não se consegue que elas usem esses mesmos símbolos fora do contexto terapêutico.

experiências práticas, pois elas são consideradas fatores essenciais que podem contribuir na avaliação crítica das áreas de atuação da Terapia Ocupacional. Para acrescentar, também existe a necessidade de o terapeuta ocupacional sair do *setting* terapêutico para realizar intervenções junto à comunidade (ROCHA; CASTIGLIONI, 2005).

8 Conclusão

Os resultados deste estudo trouxeram dados referentes a publicações sobre CSA em Terapia Ocupacional e, a partir desse levantamento, encontraram-se 16 artigos publicados. Apesar do pequeno número de publicações levantado, os dados mostram uma tendência temporal de crescimento no número de pesquisas, a ser evidenciada nos últimos anos investigados. Observa-se que o interesse pela temática tem crescido nos últimos anos devido a investimentos na área da legislação brasileira, da criação de centros de referência na área e de congressos que contribuem para a divulgação de informações sobre a CSA.

As publicações encontradas citam a CSA como uma categoria de TA e que ela deve ser uma estratégia utilizada pelos terapeutas ocupacionais em ações práticas. Ainda defendem que ela é considerada fundamental para auxiliar a inclusão social de pessoas com NEEs, dando ênfase ao contexto escolar.

No entanto, quando parte para categorias mais específicas da CSA, como caracterização dos recursos e ações do terapeuta ocupacional na área, poucas citações são encontradas. O que revela ser necessário investir em estudos que tenham como foco a prática da TO na CSA. Vale ressaltar que mesmo diante do cenário encontrado é importante apontar o crescimento e investimento de estudos realizados na área da CSA no período investigado.

Dentre as limitações do estudo, apresentam-se o foco em apenas em dois periódicos de Terapia Ocupacional, dois de Educação Especial e um da área do crescimento e desenvolvimento humano, sendo que existem outros com interface na área da educação, saúde e desenvolvimento infantil, os quais podem possivelmente contribuir para um maior número de produções na área. Sugere-se que próximos estudos investiguem a temática discutida a partir de um universo maior de revistas científicas.

Referências

AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION – AOTA. Official Documents: Providing Occupational Therapy Using Sensory Integration Theory and Methods in School-Based Practice. *American Journal*

of Occupational Therapy, New York, v. 63, n. 6, p. 823-842, Nov 2009. <http://dx.doi.org/10.5014/ajot.63.6.823>

BARNES, K. J.; TURNER, K. D. Team collaborative practices between teachers and occupational therapist. *American Journal of Occupational Therapy*, New York, v. 55, n. 1, p. 83-89, 2001. <http://dx.doi.org/10.5014/ajot.55.1.83>

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Decreto nº 5.296, de 02 de dezembro de 2004. Regulamenta as leis nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 03 dez. 2004. Seção 1, p. 05. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm>. Acesso em: 31 jan. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer nº 17/2001 do Conselho Nacional de Educação e Câmara de Educação Básica, de 03 julho de 2001. Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 17 ago. 2001. Seção 1, p. 46. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB017_2001.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2012.

BRASIL. Comitê de Ajudas Técnicas – CAT. *Ata da Reunião VII do Comitê de Ajudas Técnicas*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, CORDE/SEDH/PR), dez. 2007. Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/corde/comite.asp>>. Acesso em: 31 jan 2012.

CHUN, R. Y. S. Questões de linguagem na comunicação suplementar e/ou alternativa. In: LACERDA, C. B. F.; PÂNHOCA, I. (Orgs.). *Tempo de fonoaudiologia III*. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 2002. p. 73-98.

CHUN, R. Y. S.; MOREIRA, E. C. Questões da linguagem e da tecnologia na comunicação suplementar e/ou alternativa. In: FOZ, F. B.; PICCARONE, M. L. C. D.; BURSZTYN, C. S. A. *Tecnologia Informática na Fonoaudiologia*. São Paulo: Plexus Editora, 1998. p. 97-113.

DELIBERATO, D.; MANZINI, E. J. Fundamentos Introdutórios em Comunicação Suplementar e/ou Alternativa. In: GENARO, K. F.; LAMÔNICA, D. A. C.; BEVILACQUA, M. C. *O processo da Inclusão no Brasil: Capacitação de professores para a inclusão do deficiente no ensino regular*. São José dos Campos: Editora Pulso, 2006. p. 243-254.

FRANCO, M. J.; GARZON, R.; VILLA MAIOR, I. A. C. CAA: Um caminho para inclusão. In: NUNES, L. R. O. P.; PELOSI, M. B.; GOMES, M. R. (Orgs.). *Um retrato da comunicação alternativa no Brasil: Relatos de pesquisas e experiências*. Rio de Janeiro: 4 Pontos estúdio gráfico e papéis, 2007. v. 2, p. 245-252.

GLENNEN, S. L. Introduction to augmentative and alternative communication. In: GLENNEN, S. L.; DECOSTE, D. C. (Orgs.). *Handbook of augmentative and alternative communication*. San Diego: Singular, 1997. p. 3-19.

KING, T. W. *Assistive Technology: Essential Human Factors*. Boston: Allyn and Bacon, 1999.

- LAUAND, G. B. A. *Fontes de informação sobre tecnologia assistiva para favorecer à inclusão escolar de alunos com deficiências físicas e múltiplas*. 2005. 224 f. Tese (Doutorado em Educação Especial)-Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.
- LAMÔNICA, D. A. C. Linguagem na paralisia cerebral. In: FERREIRA, L. P.; BEFI-LOPES, D. M.; LIMONGI, S. C. O. *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Roca, 2004. p. 967-976.
- MANGIA, E. F. Terapia Ocupacional: práticas, discursos e questão da legitimidade científica. *Revista de Terapia Ocupacional da USP, São Paulo*, v. 10, n. 2-3, p. 55-59, 1999.
- MANZINI, E. J. Formação de Pesquisadores para a área da Comunicação Alternativa. In: NUNES, L. R. D. P.; PELOSI, M. B.; WALTER, C. C. F. (Orgs.). *Compartilhando Experiências: Ampliando a comunicação alternativa*. Marília: ABPEE, 2011. p. 139-148.
- MANZINI, E. J.; DELIBERATO, D. *Portal de ajudas técnicas para a educação: equipamento e material pedagógico para educação, capacitação e recreação da pessoa com deficiência física – recursos pedagógicos II*. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2007. fasc. 4.
- MOREIRA, E. C.; FABRI, M. H A agenda interativa criando sentido e desenvolvendo comunicação a transdisciplinariedade. In: NUNES, L. R. O. P.; PELOSI, M. B.; GOMES, M. R. (Org.). *Um retrato da comunicação alternativa no Brasil: Relatos de pesquisas e experiências*. Rio de Janeiro: 4 Pontos estúdio gráfico e papéis, 2007. p. 87-97.
- NORONHA, D. P.; FERREIRA, S. M. S. P. Revisões de literatura. In: CAMPELLO, B. S.; CONDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (Orgs.). *Fontes de informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 191-198.
- NUNES, L. R. O. P. *Comunicação Alternativa: favorecendo o desenvolvimento da comunicação em crianças e jovens com necessidades educacionais especiais*. Rio de Janeiro: Dunya, 2003.
- PAULA, A. F. M.; BALEOTTI, L. R. Inclusão Escolar do aluno com deficiência física: Contribuições da Terapia Ocupacional. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 19, n. 1, p. 53-69, 2011.
- PEDRAL, C.; BASTOS, P. *Terapia Ocupacional: metodologia e prática*. Rio de Janeiro: Editora Rubio, 2008.
- PELOSI, M. B. O papel do terapeuta ocupacional na tecnologia assistiva. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 13, n. 1, p. 39-63, 2005.
- PELOSI, M. B. Comunicação alternativa e suplementar. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. *Terapia Ocupacional: fundamentação e prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. p. 462-467.
- PELOSI, M. B. Tecnologias em comunicação alternativa sob o enfoque da Terapia Ocupacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA, 3., 2009, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Memnon Edições Científicas, 2009. p. 163-173.
- PELOSI, M. B. Tecnologia Assistiva. In: NUNES, L. R. D. P. et al (Orgs.). *Comunicar é preciso em busca das melhores práticas na educação do aluno com deficiência*. Marília: ABPEE, 2011a. p. 37-46.
- PELOSI, M. B. Pesquisas em Comunicação Alternativa no Brasil: Participação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. In: NUNES, L. R. D. P.; PELOSI, M. B.; WALTER, C. C. F. (Orgs.). *Compartilhando Experiências: Ampliando a comunicação alternativa*. Marília: ABPEE, 2011b. p. 125-138.
- PELOSI, M. B.; NUNES, L. R. O. P. Caracterização dos professores itinerantes, suas ações na área de tecnologia assistiva e seu papel como agente de inclusão escolar. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 15, n. 1, p. 141-154, 2009a.
- PELOSI, M. B.; NUNES, L. R. O. P. Formação em serviço de profissionais da saúde na área de tecnologia assistiva: o papel do terapeuta ocupacional. *Revista Brasileira de Crescimento Desenvolvimento Humano*, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 435-444, 2009b.
- PELOSI, M. B.; NUNES, L. R. D. P. A ação conjunta dos profissionais da saúde e da educação na escola inclusiva. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 52-59, 2011.
- ROCHA, E. F. A Terapia Ocupacional e as ações na educação: aprofundando interfaces. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 122-127, 2007.
- ROCHA, E. F.; CASTIGLIONI, M. C. Reflexões sobre recursos tecnológicos: ajudas técnicas, tecnologia assistiva, tecnologia de assistência e tecnologia de apoio. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 97-104, 2005.
- ROCHA, E. F.; LUIZ, A.; ZULIAN, M. A. R. Reflexões sobre as possíveis contribuições da terapia ocupacional nos processos de inclusão escolar. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 72-78, 2003.
- SANTAROSA, C. C. *Percepção dos professores a respeito das habilidades comunicativas de alunos deficientes não-falantes*. 2007. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Terapia Ocupacional)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.
- VON TETZCHNER, S. *Argumentative and alternative communication: assessment and intervention – a functional approach*. Theoretical aspects. Norway: Department of Psychology, University of Oslo, 1997. Manuscrito não publicado.

Contribuição dos Autores

Mariana Gurian Manzini: concepção do texto manuscrito, organização de fontes e/ou análises. Carolina Pentead de Assis: concepção do texto manuscrito, organização de fontes e/ou análises. Claudia Maria Simões Martinez: revisão.